



## **Afeto e saudade no discurso identitário de ítalo-brasileiros na Itália**

### ***Affection and longing in the identity discourse of italian-brazilians in Italy***

Christopher Augusto Carnieri<sup>1</sup>

**Resumo:** *Este ensaio foi escrito durante uma nova visita a uma etnografia realizada na Itália. São analisados os caminhos e possibilidades que não foram seguidos à época, abrindo espaço para novos olhares e interpretações sobre o tema das emoções no processo de construção identitária e representações de pertencimento.*

**Palavras-chave:** *identidade, memória, pertencimento.*

**Abstract:** *This essay was written during a new visit to an ethnography conducted in Italy. It is analyzed the paths and possibilities that were not followed at the time, opening up space for new perspectives and interpretations on the theme of emotions in the process of identity construction and representations of belonging.*

**Keywords:** *identity, memory, belonging.*

## **Introdução**

Este ensaio busca descrever os sentimentos de afeto e saudade experimentados por ítalo-brasileiros na Itália e como essas experiências estão relacionadas ao processo de construção identitária e pertencimento. A etnografia foi realizada entre novembro de 2011 e fevereiro de 2012. O conteúdo deste trabalho é resultado do olhar mais atencioso sobre as anotações “às margens” do meu diário de campo. Seria possível escrever quase uma nova dissertação sobre a mesma experiência... Ou, quem sabe, uma experiência completamente nova.

Essa história começa em 2010 quando eu fui premiado em um concurso de redação<sup>2</sup> realizado pela escola Edulingua, situada em Castelraimondo, província de Macerata, centro-leste da Itália. O prêmio era uma bolsa de estudos para estudar italiano. O curso durou um mês e incluía passeios culturais a diversas cidades entre Roma e Veneza. Eu fiquei em um alojamento da própria escola onde conheci pessoas de várias

<sup>1</sup>Mestre em Antropologia pela Universidade Federal do Paraná, UFPR. Professor de Antropologia e Sociologia no Centro Universitário Curitiba, UNICURITIBA. Contato: chris.carnieri@gmail.com

<sup>2</sup>A redação foi publicada na Revista Insieme nº139 de julho de 2010, páginas 20 e 21.



nacionalidades. Entre elas muitos brasileiros de ascendência italiana. Dessa viagem nasceu o tema da minha dissertação de mestrado.

O foco principal foi estudar o contraste entre a Itália imaginada por descendentes de imigrantes italianos no Brasil (inclui-se aqui o vínculo emocional de pertencimento) e o que essas pessoas encontram ao chegar àquele país. Acredito que uma breve narrativa seja oportuna para iniciar toda essa reflexão.

Durante a primeira viagem, eu estava no salão de embarque do Aeroporto de Guarulhos. Um rapaz falava ao celular e sentou-se perto de mim. O que me chamou a atenção foi quando ele disse a seguinte frase: “[...] sabe, agora que eu tenho a cidadania italiana eu não vou apenas conhecer a Itália... É como se eu estivesse voltando para casa!”. A minha primeira reação foi refletir sobre o quanto daquela conversa não estaria ligada a um imaginário projetado sobre a Itália e sobre a própria noção de identidade que as pessoas constroem a partir disso.

No decorrer do mês, já na Itália, eu fui observando as reações das pessoas, principalmente dos ítalo-brasileiros, descendentes como eu que estavam ali conhecendo algo tão familiar e tão estranho ao mesmo tempo. Os hábitos, os costumes, a gastronomia, o cotidiano local, enfim, como toda essa conjuntura social traz um sentimento de pertencimento a um lugar que se está conhecendo pela primeira vez.

Isso pode ser percebido melhor pelo email que me foi enviado por Neia, uma senhora de Joinville, Santa Catarina, que conheci na Itália. Pedi a ela que descrevesse como foi sua experiência de conhecer a Itália:

*Oi, Christopher.*

*Por aqui muita chuva e frio... Faz lembrar a Itália, mas como muita saudade também.*

*A minha experiência nessa viagem em busca dos meus antepassados foi maravilhosa. Primeiros, porque pisar o solo onde nasceram e viveram meus bisavós, meus tataravós foi emocionante. Inclusive, quando cheguei a Veneza, vinda de Castelraimondo, transitando pela cidade, senti uma sensação de que tinha estado ali em outra época.*

*Fiquei emocionada diante do quadro da Madonna e o Bambino, na Catedral de*



*São Marcos, pensando nos momentos em que meus parentes estiveram naquela mesma igreja, rezando e pedindo ajuda para enfrentarem a fome, a miséria e as dificuldades de um tempo de guerra (época da unificação da Itália).*

*Segundo, de todos os lugares que conheci, no decorrer do nosso curso, o que mais me tocou foi Veneza. Não por ser uma cidade turística, mas o que ela significa para mim, pois acredito que foi através daquele porto que toda a família do meu bisavô partiu para o Brasil.*

*Terceiro, me senti em casa, transitando a pé, pelas ruas, conversando com as pessoas como se fizesse parte daquele mundo. O som das palavras, os gestos dos italianos, o contato com os italianos da região do Vêneto, quando fui à casa da família que pode falar dos meus antepassados, inclusive me mostrando a casa onde meu bisavô viveu, a cópia da certidão de batismo do meu Nonno, foi algo para não esquecer jamais.*

*A minha sobrinha está em Bassano, residindo em um Ostello, para conseguir o tempo obrigatório de residência e poder encaminhar o pedido de cidadania italiana. Essa semana já completou um mês que ela está lá.*

*Espero ter atendido seu pedido. Bjo grande. Neia.*

Nesta mensagem é possível observar a identificação com o local, o imaginário em diálogo com o real, uma teia emocional de laços que une o passado ao presente. Quando Neia relata o sentimento de já ter estado ali em outra época, ela parece estar construindo uma reaproximação, parece uma forma de criar laços além da memória transmitida por seus antepassados, ou seja, uma forma de ela mesma se sentir parte do local.

Aquele mês na Itália foi para mim uma síntese de “café, trem e subjuntivo”. Café porque simbolizou naquele contexto de estudo e passeios um momento de trégua, de pausa. A não ser o primeiro contato com a complexa arte de se pedir um café na Itália. Entre tantas opções de tipos e estilos, eu só queria humildemente tomar um “café puro” (*Black coffee, please!?*). Aprendi a pedir na Itália um *caffé americano, per favore!*, o que foi uma das tantas ironias que vivi durante aquele mês. Trem porque nunca havia andando tanto de trem em minha vida, e isso seria apenas o começo de uma longa história. Eu só não sabia ainda. Subjuntivo porque aquela escola parecia um “entrepoto



Figura 1. Grupo novembro de 2010. Fonte: acervo do autor.

de experiências subjuntivas”. Lembro-me que durante aquela viagem, eu mesmo vivia uma encruzilhada sobre o qual rumo tomar: ficar na Itália ou voltar para casa? Aos poucos percebi que não era o único a expressar aquelas incertezas... Mas, enfim, os acontecimentos daquele mês ecoam em minha vida até hoje, sete anos depois. Sou antropólogo hoje em razão daquelas experiências.

## 1. Memória e imaginário

O objetivo deste primeiro item é compreender como o laço afetivo de pertencimento a uma nação está ligado à construção e manutenção identitária. A compreensão do nascimento do nacionalismo, os pontos de vista acerca dele, e, principalmente do sentimento de pertencimento a uma nação, é essencial para que possamos visualizar o processo de construção identitária envolvido nos fluxos migratórios.

Não há consenso acadêmico ou definição pragmática do que seja o nacionalismo. Os autores que têm se dedicado ao tema debatem se o nacionalismo é antigo ou moderno, onde se originou e qual o seu futuro. Divergem sobre o modo mais adequado de classificá-lo, se sua essência é democrática ou autoritária ou então se o nacionalismo é



construção das elites ou manifestação de elementos primordiais das comunidades humanas.

Gellner (1983) define nacionalismo como o “princípio político que advoga a congruência entre Estado e Nação”. A ideia que move o nacionalismo seria a criação de um estado que exercesse autoridade sobre a nação, entendida como um grupo humano que compartilha da mesma cultura. Esse foi o caso, por exemplo, dos países da Europa Ocidental.

A grande maioria dos estudiosos concorda que nacionalismo e nações são fenômenos modernos. O surgimento das nações e do nacionalismo pode ser remetido às ideias e aos processos socioeconômicos e políticos desencadeados pelo Iluminismo e a revolução Industrial.

Gellner argumenta que o nacionalismo está ligado à passagem da sociedade agrária para a industrial. A industrialização e a urbanização, a formação de uma burocracia nacional e a consolidação do poder de novas elites políticas sobre territórios definidos exigiam uma ideologia, uma cultura comum e uma língua única, que somente o nacionalismo poderia proporcionar. O processo de formação nacional é acelerado pela introdução de um sistema educacional de massas e um código cultural popular disseminado pelos meios de comunicação. Todo esse trabalho de engenharia social é necessário, segundo Gellner (1964, p.169), porque “o nacionalismo não é o despertar das nações à autoconsciência; ele inventa nações onde elas não existem”. Eric Hobsbawm enfatiza justamente este ponto crucial desta tese chamada de modernista: nações são construções, invenções humanas, que não existiram desde tempos imemoriais, mas que surgiram em um determinado contexto geográfico, socioeconômico e político, que ele identifica como sendo a Revolução Francesa, a ascensão da burguesia e das classes médias, e o surgimento de mercados nacionais na Europa (Hobsbawm, 2008; Hobsbawm e Ranger, 2008).

Já Benedict Anderson apresenta uma interpretação muito particular da modernidade das nações. Para Anderson (2009), a interpretação de Gellner reduz o nacionalismo a uma doutrina inventada e manipulada por elites para mobilizar as massas. “Gellner está tão aflito para mostrar que o nacionalismo se mascara sob falsas aparên-



cias” - escreve Anderson (2009, p. 33) - “que ele identifica invenção com contrafação e falsidade, e não com imaginação e criação”. Para Anderson, a nação é uma comunidade imaginada porque se estende para além dos contatos face a face das pequenas localidades, e nesse sentido só pode ser apreendida pela abstração da mente humana. Em outras palavras, os laços de pertencimento são criados por relação simbólica (língua, gastronomia, costume ou qualquer outro símbolo escolhido arbitrariamente).

Esse processo de imaginação nasce, por sua vez, a partir do colapso da ordem dinástica e do desenvolvimento da tecnologia de impressão trazida pelas relações capitalistas. Embora admitindo os imperativos econômicos que caracterizam o surgimento das nações (impostos, por exemplo), Anderson enfatiza a dimensão psicológica e emocional do nacionalismo, pois este aparece igualmente no rastro do declínio das religiões. Ao proporcionar aos cidadãos o sentimento de pertencer a uma entidade percebida como eterna, o nacionalismo evoca nos indivíduos um sentimento de imortalidade que anteriormente era monopólio das religiões.

Liah Greenfeld (1992) defende que não foi a lógica da indústria que gerou as nações, mas, ao contrário, é o nacionalismo e a constituição de nações que colocaram países como a Inglaterra, a França e os estados Unidos no caminho da modernidade. Esse nacionalismo de caráter cívico é baseado na concepção política de cidadania, independentemente de raça, religião, língua, etnia e até local de origem. Por isso ela insiste que o nacionalismo cívico é inclusivo e democrático. Apesar de algumas ressalvas a respeito da presença de elementos étnicos nas nações revolucionárias, Eric Hobsbawm (1990) concorda que a novidade originária da nação estava justamente em seu caráter inclusivo.

Porém, a ideia de nação desenvolveu-se em muitos países sem a dimensão cívica originada na França e na Inglaterra. Para os românticos nacionalistas alemães do século XIX, a organização social e os valores do Ocidente - que a França e a Inglaterra por muito tempo representaram - tornaram-se a incorporação do mal. As sociedades industriais desenvolvidas foram criticadas por seu individualismo e materialismo. O indivíduo ocidental era percebido como egoísta, alienado e anti-social.

Por outro lado, os românticos alemães idealizavam as atividades agrícolas, vendo o camponês como a encarnação do povo. A vontade foi avaliada como superior ao ra-



cionalismo, e o coletivo, mais importante que o indivíduo. Raça e língua germânicas tornaram-se os atributos principais da nação alemã. Raízes culturais, linguísticas e étnicas formaram a consciência nacional dos países daquela região.

O nacionalismo, nesses casos, enraíza-se em componentes étnicos primordiais. Ele não expressa a transcendência das raízes particulares através da cidadania, mas sim atributos específicos, únicos e particulares das culturas. Por isso, Greenfeld ressalta que todo nacionalismo étnico é por natureza excludente e coletivista, e sua origem ressentida o faz desenvolver tendências à xenofobia e ao autoritarismo.

No caso italiano, o nacionalismo foi predominantemente étnico. A grande questão da unificação italiana é que, para a maioria da população que vivia no campo, os conceitos de “sociedade italiana” pouco significavam. Os camponeses e outros estratos inferiores da sociedade não apenas haviam participado relativamente pouco das lutas pela unificação do país, como não se sentiam italianos, mas toscanos, vênnetos, sicilianos, etc. Sua consciência de grupo não ia muito além dos limites restritos do território em que viviam, o que representava um obstáculo à ideia de uma consciência nacional única. Compreende-se assim, a famosa frase do piemontês Massimo d’Azeglio: *“fizemos a Itália; agora precisamos fazer os italianos”*.

Quando migraram para o Brasil, a Itália recém-unificada não possuía assim uma identidade nacional formada de “italianos”. Eles eram, antes, moradores de seus *paesi*, falantes de dialetos diversos, adoradores de seus santos específicos e cultivadores de hábitos distintos. Segundo De Boni (1980), o idioma comum daquelas populações era o catolicismo. Foi na experiência migratória que se perceberam como iguais. Para Zanini (2007), foi “a colonização vista como um processo civilizador que permitiu àqueles indivíduos fazerem a si mesmos, ao menos ideologicamente”.

A brasilidade desses imigrantes foi, de certa forma, construída atrelada à noção da terra como propriedade, da comida e da manutenção da ordem familiar. A comida, aliás, desempenhará um papel adscritivo fundamental na condição de colono<sup>3</sup> italiano (Zanini, 2007).

<sup>3</sup> Por colono, entende-se, de acordo com Seyferth (1993), aquele camponês do sul do Brasil que aciona uma origem distinta. Segundo a autora, a categorização jurídica de colono estrangeiro foi adotada como identidade de grupo. Fala-se, desta forma, de colonos italianos, alemães, poloneses, russos, entre outros.



Outros papéis fundamentais na colonização italiana foram os da *solidariedade* e das sociedades e associações. A maioria das associações foi de beneficência e mútuo socorro. Vinham depois os círculos operários e as sociedades culturais que se ocupavam das escolas. Segundo Thales de Azevedo:

“Estruturas permanentes, como associações profissionais de classe e de beneficência, de ajuda mútua e de assistência médica, bem como mantenedoras de escolas, cooperativas de produção, bandas de música ou grupos folclóricos, lojas maçônicas e clubes recreativos, irmandades religiosas, sociedades de concidadãos, até comitês locais de instituições sediadas na Itália e grêmios inspirados nas ideias de políticos italianos, surgem por todo o Rio Grande, onde quer que se encontrem núcleos de imigrantes italianos, caracterizando uma forte tendência à ação organizada na luta pela vida no novo indeterminado ambiente e como foco de progresso por meio da escola e do cultivo do sentimento de italianidade” (Azevedo, 1982, p.217).

Todas essas questões expostas até aqui - a religiosidade, o universo familiar e associações - ajudaram a constituir o jeito de ser dos imigrantes e suas gerações conforme o que Bourdieu (1980, p.88) chamou de *habitus*:

“[os *habitus*] São sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, funcionar como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas a seu objetivo sem supor que se tenha em mira conscientemente estes fins e o controle das operações necessárias para obtê-los”.

O *habitus* caracteriza uma classe ou grupo social em relação aos outros que não partilham das mesmas condições sociais. Bourdieu afirma que o “*habitus* funciona como a materialização da memória coletiva que reproduz para os sucessores as aquisições dos precursores” (1980, nota 4, p.91). O *habitus* é então o que permite aos indivíduos se orientarem em seu espaço social e adotarem práticas que estão de acordo com sua vinculação social.

Cada pessoa, por seus gestos e suas posturas, revela o *habitus* que o habitam, sem se dar conta e sem que os outros tenham necessariamente consciência disso. Um bom exemplo no caso italiano é o ato de “falar com as mãos”, ou seja, através de gestos simultâneos à linguagem falada. Um gesto mundialmente conhecido e atribuído subitamente à cultura italiana é o gesto de unir a ponta dos dedos com a mão voltada para cima ao dizer *macche?* (originalmente: “*ma che cosa voi dire?*”; que em português significa algo como: “mas que raios você está falando?”). Gesto o qual traz um sentido



de questionar com um tom de surpresa ou até raiva aquilo que alguém está falando ou fazendo.

Pela linguagem corporal e pela expressão social das emoções, as características sociais são de certa forma “naturalizadas”: o que parece e o que é vivido como “natural” depende, na realidade, de um habitus. Esta “naturalização” do social é um dos mecanismos que garantem com mais eficácia e perenidade do habitus.

Tomando por exemplo a prática corporal e a expressão social das emoções através dos gestos, podemos focar a questão da transformação do habitus ao longo da experiência da diáspora. De fato, por que boa parte dos ítalo-brasileiros não usa mais esse gesto hoje em dia? Tanto a característica de “falar com as mãos” quanto o costume entre os homens de cumprimentar pais e amigos no rosto diminuíram significativamente no Brasil.

Nesse contexto, a trajetória social das gerações de descendentes italianos no Brasil passou por variações e mudanças ao longo do tempo. Uma dessas variações a afetar o habitus foi o bilingüismo italiano-português. No novo ambiente tiveram que absorver as expressões sociais da língua portuguesa, pois era o instrumento de comunicação com os brasileiros. A partir de 1937, a campanha de nacionalização patrocinada pelo Estado novo exigia que os descendentes de italianos assumissem a brasilidade.

A renovação do elo com a Itália aconteceu de maneira mais expressiva a partir dos anos 1980 com o processo de redemocratização do país. As famílias passaram a se interessar mais por suas próprias histórias e na construção das “árvores genealógicas”. Cria-se, desta forma, a metáfora da “expansão territorial familiar”, pela qual os parentes de longe, do Brasil ou do exterior, simbolizam o processo de expansão bem-sucedida dessa árvore. Para justificar e facilitar a aproximação com a Itália utiliza-se o discurso da origem e do sentimento, a renovação de um elo através da afinidade que possuem em comum. Em decorrência, surgem ações que buscam caracterizá-los, identificá-los como semelhantes, como é o caso da preocupação com o ensino e aprendizado da língua italiana.

Outro fato importante da renovação do elo com a Itália é justamente a busca pela cidadania. Devido ao grande tempo de espera pelo reconhecimento da nacionalidade



italiana nas representações diplomáticas (no consulado de Curitiba o processo de reconhecimento da cidadania passa de 10 anos), muitos descendentes optam por solicitar a nacionalidade diretamente na Itália, processo que leva em torno de três ou quatro meses, segundo a legislação italiana.

## 2. A casa fora de casa

Em novembro de 2011 eu voltei a Castelraimondo onde realizei a minha pesquisa de campo para o mestrado. Para isso, eu aproveitei a experiência que vivi nesta mesma cidade um ano antes como parte dessa pesquisa. A cidade de Castelraimondo possui cerca de 4.000 habitantes e abrigava a escola de língua e cultura italiana Edulingua<sup>4</sup> (atualmente a escola que está na cidade se chama Campus Magnolie<sup>5</sup>). Entre os ítalo-brasileiros que vão como turistas para conhecer a Itália, estão muitos descendentes que optam por residir no alojamento da escola enquanto esperam pelo processo de cidadania (três ou quatro meses).



**Figura 2. Castelraimondo. Fonte: acervo do autor.**

<sup>4</sup>Hoje a escola está na cidade vizinha, San Severino Marche. Acessível no endereço <http://www.edulingua.it>

<sup>5</sup>Acessível no endereço: <http://www.campusmagnolie.it>

Cheguei a Castelraimondo em 27 de novembro de 2011 e dois dias depois acompanhei o passeio de um grupo à cidade vizinha de San Severino Marche. Conversando com uma das professoras, perguntei o que ela achava que as pessoas mais observavam durante o passeio, o que mais chamava a atenção dos alunos. Ela me respondeu que eram as ruas estreitas, o silêncio, a limpeza, a paz, a simplicidade... Aqui é interessante observar que neste primeiro contato é significativa a atuação da memória. Essas ruas silenciosas transportam à infância, principalmente os mais velhos. É neste exato momento que muitos dizem a frase: “*eu me sinto em casa*” ou “*esta sensação é tão familiar*”. Aqui se expressa a afinidade inicial com a Itália.



**Figura 3. Excursão a San Severino Marche. Fonte: acervo do autor.**

A sensação de paz e tranquilidade descrita por vários descendentes ao caminhar pelas ruelas italianas me pareceu não só um momento de identificação com o local, mas também um momento em que acontece um “resgate temporal”. Em outras palavras, era como se o passado (entre memórias e imaginação) e o presente estivessem conversando ritualisticamente naquele espaço: uma supressão do tempo.

Segundo Zanini (2007, p.523),

“Nesse processo (de construção de memórias), mantém-se o que é com-



partilhado no presente como elemento valorativo e legítimo de ser acionado enquanto constituidor de italianidade. Para além disso, como ressalta Halbwichs (1990), somente permanece nas memórias o que é reativado constantemente como portador de significação e valorização coletiva. Enfim, trata-se de uma leitura do passado elaborada a partir da ótica do presente. O passado - interpretado, apropriado - ressemantiza-se, e o que importa dele é o que se torna significativamente viável no presente”.

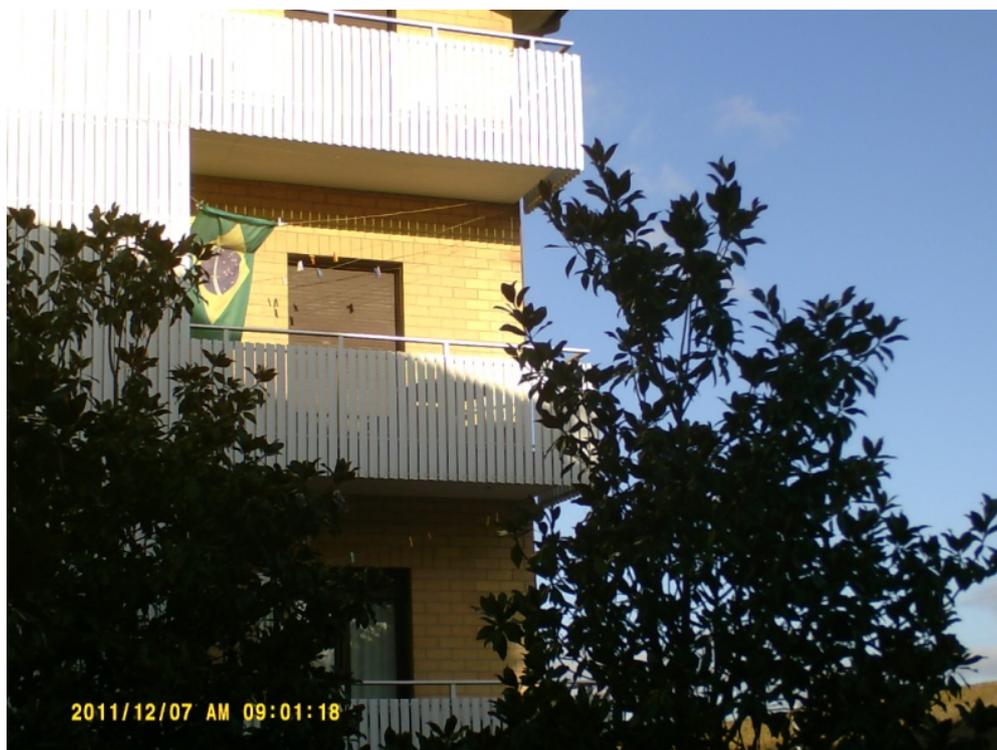
Para os mais velhos, essa experiência de supressão do tempo quando na Itália funciona como elemento valorativo da italianidade. É uma forma de registro emocional da identidade. A paisagem lembra a simplicidade da infância quando ouviam histórias de uma terra distante... Terra esta que está diante de seus olhos, que une tempos e lugares, memória e imaginário, da única forma que é possível uni-los: dentro de cada um. Observei nesta experiência uma aproximação ao sentido inicial da palavra saudade. Originalmente a palavra saudade significava sentir falta de algo que não se pode mais ter, por exemplo, quando alguém diz que sente saudade da infância significa uma nostalgia de algo que não pode mais ser vivido. Em Portugal esse significado ainda é preservado, porém, no Brasil o uso da palavra tomou uma dimensão de falta no sentido geral, corriqueiro. Nessa experiência de supressão do tempo acredito existir algo muito próximo da transcendência do sentido original da palavra saudade. É como se a emoção daquele momento trouxesse, de fato, o que não se poderia mais ter.

Quando muitos falam “*eu me senti em casa...*”, é interessante perceber a construção de uma comunidade imaginada. Segundo Anderson (2009, p. 33), já mencionado anteriormente, “qualquer comunidade maior que a aldeia primordial do contato face a face é imaginada. As comunidades se distinguem não por sua falsidade/autenticidade, mas pelo estilo em que são imaginadas”. Sentir-se em casa em um país estrangeiro o qual se está visitando pela primeira vez é um exemplo de uma comunidade imaginada além das fronteiras territoriais. Isto vale tanto para a Itália, no caso uma ideia de que existem várias italianidades além das suas fronteiras, como também para os descendentes que projetam e imaginam um pertencimento a uma terra distante.

Por outro lado, existe simultaneamente entre alguns descendentes o sentimento de valorização do Brasil quando no exterior. Priscila, uma jovem natural de Vitória (ES), estava em Castelraimondo à espera da cidadania italiana e publicou em uma rede social o seguinte texto:



“Saudades de casa... da mamãe, da Lia, da minha cama, até do meu banheiro... das minhas amigas, das risadas sem fim, das fofocas... das festas, das alegrias, dos abraços, dos brindes, até da gritaria... do calor, da praia, do sol brilhante, do ventinho fresco... do bobó de camarão, caranguejo, açai, coxinha, do feijão com arroz... aí que orgulho de ter nascido no Brasil!”



**Figura 4. Bandeira brasileira no varal. Fonte: acervo do autor.**

Esse sentimento de valorização do Brasil é um contraste em relação à familiaridade inicial. Isso acontece porque a paisagem alimenta o afeto dos ítalo-brasileiros com a Itália, porém, quanto mais convivem com os italianos mais saudades sentem de casa. A razão está no fato de que durante a imigração, conforme exposto anteriormente, os imigrantes se fizeram italianos no Brasil. Foi através do sentimento de solidariedade que nasceu a expressão *“gli italiani sono tutti buona gente”* (os italianos são tudo boa gente). Porém, essa expressão se refere aos imigrantes italianos no Brasil, é uma expressão fruto da imigração. Quando os descendentes chegam à Itália eles pensam que serão tratados com o mesmo afeto solidário que existe historicamente entre os descendentes no Brasil. Entretanto, para os italianos os descendentes são normalmente vistos como estrangeiros. Mesmo aqueles que possuem a cidadania italiana levam um tempo significativo para serem vistos e aceitos como italianos, às vezes isso pode levar até mais



de uma geração. Embora a constituição italiana garanta que não há distinção entre italianos nascidos na Itália ou no exterior (na Itália a nacionalidade é adquirida por direito de sangue, *jus sanguinis*), na prática as questões culturais falam mais alto. Em outras palavras, acho que o termo “comunidade imaginada”, conforme exposto por Benedict Anderson, funciona mais fora da Itália do que na Itália. Isso não impede que o convívio seja agradável, mas as demarcações de diferença são visíveis.

Mesmo retomando a questão do nacionalismo predominantemente étnico da Itália, atualmente esse discurso esbarra nos problemas migratórios vividos pelo país. Teoricamente os descendentes seriam abraçados como compatriotas seguindo essa lógica étnica. Porém, na prática são classificados junto aos demais estrangeiros. Ironicamente, a xenofobia que seria um sentimento característico do nacionalismo étnico em relação aos estrangeiros se volta também, em parte, contra os descendentes.

Contudo, isso parece não impedir ou influenciar negativamente os laços afetivos entre os descendentes e a Itália. O discurso identitário é mantido, mas dentro do contexto transnacional, ou seja, não há necessidade de se excluir nada e sim incluir. O próprio termo “dupla-nacionalidade” já é auto-explicativo. Muitos continuam alimentando a ideia de uma segunda casa, talvez porque, levando em consideração a situação política e econômica do Brasil, essa segunda casa possa vir a se tornar a oficial. Uma forma subjetiva de alimentar esse laço se encontra na expressão “minha Itália”.

As viagens internacionais hoje diferem muito das do passado. Como já visto, a imigração do século XIX era literalmente um novo começo, um processo de assimilação e transformação intensa. Atualmente, a possibilidade de retorno ou de mudança de rumo é facilitada pela tecnologia e avanço dos meios de transporte.

Segundo Stuart Hall,

“Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente integrados, mais as identidades se tornam desvinculadas - desalojadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem flutuar livremente. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades, dentre as quais parece possível fazer uma escolha. [...] em certa medida, o que está sendo discutido é a tensão entre o global e o local na transformação das identidades” (HALL, 2011, p.75).



Um fato comum que observei em campo foi a facilidade com que a internet e o celular deslocavam e afetavam a experiência de realmente conhecer um lugar. Para alguns, acontecia algo parecido com um limbo cultural, pois ao mesmo tempo em que se estava em um lugar, mas conectado a outros, também não se estava integralmente em nenhum. Entre os mais jovens, o que percebi foi que isso fazia com que a interação e absorção do lugar, ou pelo lugar, fosse apenas superficial. Em outras palavras, o que eu vi acontecer em Castelraimondo foi um “passar por” e não “estar em”. A diferença é que não se absorve a experiência de um lugar ou muito menos se cria raízes em lugar algum se a sua “zona de conforto” viaja com você.

Enquanto o sentimento de afeto em relação à Itália é mais geral, pois todos os descendentes nesse sentido possuem algo em comum, o sentimento de saudade é muito relativo e depende da experiência subjetiva. A saudade pode funcionar nesse sentido como um elemento fundamental e decisivo na definição identitária. Como diz um velho ditado: “lar é onde o coração está!”.

### **3. Epílogo etnográfico**

Retornar à pequena cidade de Castelraimondo, cinco anos depois de passar aqui três meses fazendo a pesquisa de campo para o mestrado, trouxe-me, no fundo, saudades das pessoas com as quais compartilhei aquela experiência. Foram elas que marcararam todas as minhas memórias.

Olhar a paisagem é como olhar para desenhos em folhas sobrepostas de papel vegetal. Uma mescla entre passado e presente. Diria que este lugar é um “lugar emprestado”, pois eu não pertenço a ele, mas ele é parte da minha história. Rever lugares que já conhecemos nos faz olhar para nós mesmos, como éramos e como somos agora: as mudanças que o tempo trouxe e as memórias que nos roubou... O lugar é praticamente o mesmo, mas a perspectiva é completamente diferente. O que me faz lembrar a frase de Marcel Proust: “A verdadeira viagem de descobrimento não consiste em procurar novas paisagens, mas em ver com novos olhos”.

Desde então percebi como cada cultura é uma bolha de realidade que envolve o indivíduo e exerce uma função de filtro através do qual o mundo é visto, interpretado e



vivido. Dentro dessas bolhas de realidade se manifestam as identidades. De acordo com Françoise Laplantine (2011), a identidade é um enunciado performativo que expressa pertencimento e origem de hereditariedade, raça, solo, nação, família, etc. A reivindicação identitária proclama autenticidade. Em outras palavras, é a reivindicação de um refluxo. É o passado comandando o presente e atribuindo-lhe legitimidade retroativa: um processo de reativação da origem.

Laplantine conclui seu pensamento sobre o tema afirmando que a identidade e sua representação nutrem uma ilusão de conservação e repetição. A identidade se opõe à alteridade e ao espaço vazio, assim, dedica-se incessantemente a preenchê-lo. Desta forma, aproxima-se do “eu” até que se confunda com ele, construindo para tanto uma imagem representativa. Segundo esse raciocínio, podemos localizar a identidade como anterior à representação, porém, anterior à identidade, em seu princípio e origem, não existe nada. Alguns termos aparecem no decorrer da história descrevendo esse “nada” como “presente”, “presença” e “potencialidade pura”, entre outros.

Na filosofia budista, a identidade é o início de Samsara (o mundo das ilusões). Cada pensamento ou emoção constrói um tipo de realidade. Porém, não somos nossos pensamentos nem nossas emoções, pois eles são transitórios. Quando eles terminam, nós voltamos para um “lugar” onde podemos produzir outros, e assim por diante. Nós não somos nossas identidades. Elas são ornamentos da nossa natureza livre.

[observando o centro da Roda da Vida] deparamos com três animais: um javali, um galo e uma cobra, que representam componentes de nossas diversas identidades. São formas de inteligência que constroem e sustentam as identidades. Também são designadas como os três venenos da mente: a ignorância, o desejo/apego e a raiva. O javali é a forma de identidade que assumimos, o galo é a inteligência que rege a ação incessante que esse javali promove para se manter, e a cobra é a inteligência agressiva que está sempre pronta, aguardando o momento de alguma necessidade [para defender a identidade criada]” (Samten, 2010, p.24).

Olhando para as experiências de campo de cinco anos atrás vejo que todo o processo de construção identitária é apenas parte da equação. A questão que me pergunto hoje é: o que existe além da identidade?

A identidade convencional brota de respostas automáticas condicionadas. Em outras palavras, a identidade é uma configuração artificial: muda-se a realidade construída



e também muda a configuração identitária. Na filosofia budista o que permanece é o espaço onde essas realidades são construídas: o espaço básico, livre. O qual pode ser chamado de *consciência* ou, simplesmente, *presença*. Para se entender melhor o que significa “ter consciência” ou “estar presente”, é melhor começarmos pelo que isso não é: o ego.

O ego é simplesmente a identificação com a forma, a qual basicamente corresponde a três tipos: física, pensamentos e emoções. Para Eckhart Tolle (2007), a palavra “eu” incorpora o maior erro e ao mesmo tempo a verdade mais profunda, dependendo de como é utilizada. Na sua aplicação cotidiana normal, “eu” contém uma percepção equivocada de quem a pessoa é, ou seja, um sentimento ilusório de identidade. Isso é o ego. Essa identidade ilusória se torna então a base de todas as interpretações posteriores da realidade. A realidade do indivíduo passa a ser um reflexo da ilusão original.

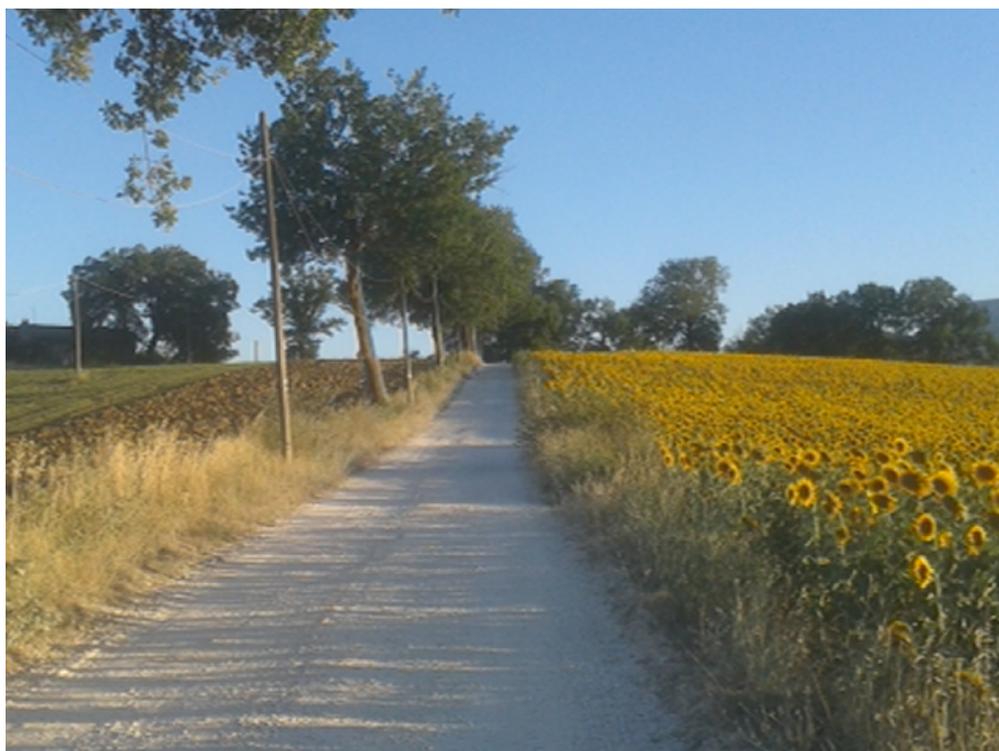
Porém, aquilo a que costumamos nos referir quando dizemos “eu” não é quem nós somos. Quando uma criança aprende que uma sequência de sons produzida por cordas vocais é seu nome, ela começa a fazer com que uma palavra, que na sua mente é um pensamento, corresponda a quem ela é. Assim, à medida que a criança cresce, o pensamento original do “eu” atrai outros pensamentos para si mesmo e passa a se identificar com diversos elementos, como a nacionalidade, o gênero, raça, religião, profissão, bens materiais, o corpo percebido pelos sentidos, as emoções, etc. Outras coisas com as quais o “eu” se identifica são papéis, opiniões e conhecimentos acumulados, gostar ou não gostar, memórias do passado, etc. Nesse contexto, a maioria de nós não se encontra em uma realidade viva, e sim em uma realidade conceitualizada.

“Tomar consciência”, em poucas palavras, significa nos tornarmos livres da identificação com a forma. Na verdade, tudo o que precisamos para transcender o ego é estarmos conscientes dele, uma vez que ele e a consciência são incompatíveis. A compreensão da espiritualidade é ver com clareza que o que nós percebemos, vivenciamos, pensamos ou sentimos não é, em última análise, quem somos. Não podemos nos encontrar em todas essas coisas porque elas são de fato transitórias.

No caminho para transcender o ego também é essencial desenvolver uma nova perspectiva do tempo. A questão é que o tempo está na nossa mente. Ele não é algo



que tenha uma existência objetiva fora de nós. É uma estrutura mental necessária para a percepção sensorial, indispensável pelos propósitos práticos, mas também é um grande obstáculo ao autoconhecimento. Retirar o tempo psicológico da nossa consciência é transcender o ego. O tempo psicológico é a preocupação da mente egóica com o passado e com o futuro, e sua resistência a entrar em um estado de unicidade com a vida, alinhado ao momento presente. Como foi dito anteriormente, a construção identitária está diretamente relacionada a um tempo psicológico. Esse apego é que precisa ser compreendido e transcendido para que possamos nos dar conta de um novo mundo que se abre na experiência do momento presente, ou seja, simplesmente estar presente, sem julgamentos, sem classificações, sem conceitos, pensamentos ou emoções. Mas isso é outra aventura, outro campo, outra história?



**Figura 5. Castelraimondo. Fonte: acervo do autor.**

#### **4. Considerações finais**

Os imigrantes que vieram para o Brasil se fizeram italianos aqui. Através de laços de solidariedade, construíram colônias e, com o passar das gerações, uma identidade que assimilou características da brasilidade, ou, em outras palavras, uma italianidade



brasileira. Em boa parte devido ao projeto nacionalista do Estado novo, o habitus dos descendentes foi gradativamente se diferenciando do habitus italiano, o qual na Itália também teve seu próprio desenvolvimento natural e histórico.

Muitos descendentes ao visitar a Itália, estabelecem laços afetivos com a paisagem e suas memórias. Porém, é normal que sintam um estranhamento em relação aos italianos. Esperam por um tratamento solidário, mas nem sempre é isso que acontece, pois são vistos como estrangeiros por eles. Isso pode ser explicado, em parte, porque os habitus já não são essencialmente os mesmos; de outra parte, em razão da crise migratória que vive o país.

Isso não impede uma convivência agradável entre descendentes e italianos, porém as diferenças são visíveis. A paisagem é fundamental na manutenção dos laços afetivos. Por outro lado, a saudade de casa após o contraste vivido entre a Itália imaginada e a Itália experimentada pode ser um elemento fundamental na definição identitária. Isso se deve em razão de muitos descendentes (que alimentam no Brasil um pertencimento à Itália) se descobrirem brasileiros na Itália.

A identidade é sempre uma construção contrastiva. Estamos sempre dançando um jogo de espelhamento, classificação, inclusão e exclusão. Do ponto de onde eu parei a minha pesquisa de campo para o mestrado surgiu um novo campo de possibilidades: a antropologia transpessoal. Acredito que há uma grande jornada pela frente no âmbito além do ego.

## Referências

- ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- AZEVEDO, Thales. Italianos e gaúchos. Rio de Janeiro: Cátedra, 1982.
- CARNIERI, Christopher. A italianidade em movimento: travessias e olhares. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, dissertação de mestrado, 2013.
- DE BONI, Luis A.; COSTA, Rovílio. Os italianos do Rio grande do Sul. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias; Correio Riograndense, 1984.
- GELLNER, Ernest. Nations and nationalism. Oxford: Basil Blackwell, 1983.
- \_\_\_\_\_, Ernest. Thought and Change. Londres: Weidenfeld and Nicholson, 1964.



GREENFELD, Liah. Five roads to modernity. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HOBBSBAWM, Eric. Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. A invenção das tradições. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

LAPLANTINE, Françoise. Identità e meticciano. Milano: Eleuthera, 2011.

SAMTEN, Lama Padma. A roda da vida: como caminho para a lucidez. São Paulo: Peirópolis, 2010.

SEYFERTH, Giralda. Nacionalismo e identidade étnica. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

TOLLE, Eckhart. Um mundo novo: o despertar de uma nova consciência. Rio de Janeiro: Sextante, 2007.

ZANINI, Maria. Um olhar antropológico sobre fatos e memórias da imigração italiana. Rio de Janeiro: Revista Maná 13 (2): 521-547, 2007.